

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Conferências

Organizadores

Jorge Fernandes Alves

Pedro Vilas-Boas Tavares

Porto, FLUP, 2020

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto I Conferências

ORGANIZAÇÃO: Jorge Fernandes Alves e Pedro Vilas-Boas Tavares

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: 2021

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 250 exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-8969-74-3

ISSN: 1646-1525

LEONARDO COIMBRA E A FORMAÇÃO DO HOMEM

INTRODUÇÃO

O tema da educação e o problema educativo atraíram Leonardo Coimbra desde a sua juventude e projetar-se-iam na maturidade como núcleo de atração teórica, desde, portanto, o contexto do seu anarquismo inicial, atmosfera ideológica que contendia com o aristocratismo e que seria, a partir de 1910, substituída pela adesão à democracia republicana, a que ficou fiel o resto da vida.

As primeiras referências à educação são anteriores a 1910, remontando a 1907 (Coimbra, 2004a, 2004b), ao período conturbado do passado revolucionário estudantil, quando, aluno da Academia Politécnica do Porto, participava em manifestações estudantis, como as que se fizeram contra a ditadura franquista no ano letivo de 1907-1908, e enchia com o verbo de tribuno nascente os comícios antiburgueses e libertários, clamando pela liberdade, pela fraternidade e melhor educação.

Entre 1907 e 1909, a sua figura destacou-se na paisagem social e política portuense pelos seus dotes oratórios. A educação impôs-se naturalmente ao seu espírito, já que também constituía um núcleo sociopolítico e cultural do interesse dos intelectuais entre a última fase da Monarquia Constitucional e os primeiros anos da I República.

Com outros jovens companheiros, foi Leonardo Coimbra tocado pelos ideais reformistas das instituições e da sociedade em geral, o que se consubstanciou, por exemplo, na criação, em 1908, do grupo “Os amigos do A.B.C.”, de que participaram, entre outros, Jaime Cortesão e Álvaro Pinto, cujo ideário tinha como objetivo a instrução e a elevação cultural do povo português, e que teve como principal arauto o jornal portuense anarquista *A Vida*.

Os ideais reformistas haveriam de projetar-se na vida do filósofo, ganhariam voz em periódicos como *A Nova Silva* (1907) e *A Águia* (1910-1932), em movimentos culturais como a Renascença Portuguesa (1912) e em projetos educativos como os que se polarizaram em torno das universidades populares, nomeadamente a Universidade Popular do Porto, criada em 1912, e a Universidade Popular da Póvoa de Varzim, surgida nos fins de 1913, e onde o Mestre portuense lecionou, sendo desse período o importante tomo onde sintetiza o seu pensamento filosófico, que intitulou *O Pensamento Criacionista*, que deu à estampa em 1915, fruto daquele labor docente (Coimbra, 2005).

Vale com interesse realçar a criação, no termo de 1909, já residia em Lisboa, para onde fora com a mulher e o filho na segunda metade do mesmo ano, do Grémio de Educação Racional (1909-1911), que tinha fundíssima inspiração na pedagogia do malogrado livre-pensador e pedagogo catalão Francesc Ferrer i Guàrdia (1859-1909), que surgia como reação ao seu fuzilamento a 13 de outubro de 1909, e que, referida aos princípios da Liga Internacional da Educação Racional da Infância, a que Ferrer presidira, tinha por ideário fundar “escolas modernas” em Lisboa e arredores, segundo o método da educação racional e feito o diagnóstico das deficiências do ensino vigente.

No território nacional, desde 1908 funcionaram escolas baseadas nos princípios de Ferrer e a imprensa libertária, como *A Vida*, promoveu a divulgação das ideias do pedagogo catalão. Leonardo Coimbra, em cujas primícias pedagógicas ressoam algumas analogias com Ferrer, nomeadamente o ensino livre da tutela do Estado e da religião, o anticlericalismo, a ilustração dos educandos pela ciência, a educação pela razão, para que cada ser humano seja capaz de autonomia e de raciocinar por si mesmo e emitir os seus próprios juízos, afastar-se-ia contudo da atitude antirreligiosa e ateia de Ferrer (Domingues, 2003:375), por professar um teísmo que não via incompatível com o anarquismo e cuja emoção religiosa balbuciou, desde os primeiros voos de pensador, a palavra “Deus”.

A pedagogia de Leonardo, se tem iniciais relações com a pedagogia libertária de Ferrer, sobretudo pelo ambiente anarquista, afastar-se-ia dela com a sua aproximação ao republicanismo, a partir de 1910, mas permaneceria fiel ao ideário iluminista ferreriano de que deve a educação trabalhar no sentido da autonomia da razão do educando e ser um veículo de liberdade.

O estudo da teoria e da prática da educação em Leonardo Coimbra foi já feito na ainda insuperada obra de Patrício (1992), que continua a ser a principal referência no domínio, onde o autor estuda a evolução do pensamento pedagógico do anarquismo juvenil à maturidade do filósofo, num investimento de grande originalidade e fecundidade hermenêuticas. Seguir-se-iam

estudos de menor vulto, mas importantes para quem queira aprofundar a pedagogia do Mestre portuense, como os de Caeiro (1999), Calafate (1994), Manso (2002 e 2013) e Domingues (2003).

A minha atual investigação situa-se no âmbito dos fundamentos filosóficos da pedagogia criacionista e procura defender uma visão de unidade entre a filosofia de Leonardo e a sua reflexão em torno da educação, que visa a construção do que chamarei uma *paideia*¹.

A IDEIA DE ESCOLA PORTUGUESA

A ideia de escola portuguesa, pela qual veio a lutar o pensador nortenho, foi a de uma escola aberta ao princípio luminoso da vida, tal como a de Ferrer, contra pois os dogmatismos e o autoritarismo em métodos, pedagogias e doutrinas, para cujas convicções muito contribuiu o seu caso pessoal, aluno interno no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, que frequentou, em Penafiel, entre 1892 e 1898, e de que sentiu e ressentiu a disciplina austera e déspota, propensa à vigilância e à punição, de que expressou a memória em *A Alegria, a Dor e a Graça* (Coimbra, 2006a)².

Noutras passagens de textos seus é possível retirar o retrato de uma escola fundada no princípio da liberdade criadora com uma pedagogia centrada no estudante, exaltante do entusiasmo e da alegria de viver dos educandos (Coimbra, 2010a:172), que vê na missão do professor a dedicação plena à formação integral de cada aluno. Neste sentido, o ideal pedagógico leonardino é personalista e espiritualista.

Para o seu personalismo deve ter-se em linha de conta a reflexão filosófica sobre a pessoa e a mónada em *O Criacionismo*, de 1912 (Coimbra, 2004i:316-317, 287 seg. *et passim*), a teoria da razão e a conceção de liberdade sustentadas em *A Razão Experimental*, de 1923 (Coimbra, 2009e), bem como a antropologia de *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, de 1935 (Coimbra, 2012), obras que alimentam a ideia de que o ser humano é em sua essência uma liberdade criadora, ou inventiva, que cria e se cria e recria na história, nunca estanciando num termo de plenitude, que lhe *cousificaria* o ímpeto criador.

¹ A ideia de que existe uma profunda articulação entre a filosofia criacionista e a teoria da educação que *O Problema da Educação Nacional* (Coimbra, 2010a) desenvolverá foi já criteriosamente interpretada por Francisco da Gama Caeiro, que a tal propósito escreve: "(...) a reflexão de Leonardo sobre o problema da educação, partindo do fundamento teórico para o das proposições prático-organizativas, possui a coerência que decorre duma solidariedade intrínseca com a globalidade do seu pensamento" (Caeiro, 1999:74).

² Leonardo escreve noutro texto: "Evocando as minhas recordações pessoais, direi que, num colégio onde estive, quase todos os padres eram ostensivamente ferozes e *sádicos* (...)" (Coimbra, 2004i:239) Está também aí a explicação primária do anticlericalismo leonardino, que se exprime em certos textos (Coimbra, 2004c e 2004i).

Não é, então, difícil perceber que Leonardo Coimbra nunca poderia aceitar qualquer pedagogia que não fosse orientada para a realização de cada pessoa, contra, pois, os métodos de massificação e da igualitarização estatística dos indivíduos, no sentido de que deve a pedagogia trabalhar para que a pessoa se realize inteiramente como ser físico, anímico e espiritual, proporcionando-lhe valores, agindo sobre vocações, cuidando de capacidades e interesses, formando consciências morais e cívicas, cidadãos empenhados no mundo e no país em que vivem. Por isso se deve meditar o alcance pedagógico desta afirmação de que “O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer” (Coimbra, 2004:20), cujo sentido dinâmico ecoaria noutro, mais tardia, de que “O homem parece um ser dado em natureza para que se reencontre e possua em consciência e liberdade” (Coimbra, 2012:26).

A educação, sob o ponto de vista criacionista, surge como uma *poiética*, no sentido de que o homem é uma obra a fazer e no ato mesmo de fazer, pelo que a tarefa educativa nunca está concluída, projetando-se nas fases do homem, da infância à maturidade, no sentido da formação ao longo da vida, tal como é possível extrair das reflexivas páginas de *A Alegria, a Dor e a Graça*. Sobretudo nesta obra, Leonardo dá-nos uma visão do que seja a evolução mental e espiritual da pessoa, a que necessariamente assiste um conceito de ser humano como obra de várias modelagens – da cultura, da educação, da sociedade – e como consciência autónoma e livre, crítica e reflexiva, que as domina.

Para a realidade efetiva dessa consciência deve determinar-se o trabalho educativo, agindo no sentido do «cósmico aperfeiçoamento» das almas (Coimbra, 2006a:198) desde a mais tenra meninice. A pedagogia leonardina é criacionista no sentido de que visa o homem todo e porque tem dele um conceito de sujeito criador, de si próprio e do mundo onde está e age. Adquire valor cósmico porque tende para o conhecimento e a compreensão do homem nas suas relações universais com os outros homens, com o ser e com Deus.

Uma pedagogia que visa o ser humano integral deve para Leonardo Coimbra abrir-se ao amor, à fraternidade, à tolerância e à dignificação da pessoa, e ser, em última análise, orientada pela realidade da pessoa. A essência da pedagogia criacionista está contida nesta afirmação, que bem poderia encimar, como apotegma, o pórtico da mesma pedagogia: “*Conhecer, compreender e não aniquilar!*” (Coimbra, 2006a:20)

Contra o ódio, a violência, a intolerância, a educação deve pregar o amor, a paz, a tolerância; contra o egoísmo, o altruísmo; contra o solipsismo, a comunhão de vontades. Por isso, desde o seu ideário anarquista de juventude, Leonardo propõe ao ensino português uma mudança radical das pedagogias, nos métodos e nas atitudes, a completa passagem de uma pedagogia quan-

titativa, cujo centro está na transmissão enciclopédica de conhecimentos, a uma pedagogia qualitativa, centrada no estudante.

UMA PAIDEIA INTEGRAL

A verdadeira educação é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de tornar-se criador. Por isso se irritava o pensador contra um ensino que não era mais do que uma “perfeita máquina de autómatos”, quando a autêntica educação “deve ter em vista a criação do carácter, pelo acordo de todas as faculdades”. Assim, a escola, exaltava-se Leonardo, “Deve criar pensadores e não eruditos, cérebros instrumentos de conhecimento e não cérebros depósitos de erudição” (Coimbra, 2004d:129). Disse-o em 1909, e de certo modo o repetiria anos mais tarde, em 1926, ao defender que educar é cultivar liberdades criadoras da cultura (Coimbra, 2010a:153), e em 1933, ao amparar-se no ideal da existência de escolas de cultura (Coimbra, 2010b:386).

O problema da teoria e da prática tem também a ver com o ensino reduzido ao empirismo e ao pragmatismo da técnica e da especialidade, que forma autómatos, eruditos e não homens de cultura. O filósofo olha para a teoria como a alma mesma da prática, não concebendo um ensino em que a prática se encontra desvinculada da teoria (Coimbra, 2004j:243; 2004m:395-396). Por isso, Leonardo lembra que «se admitirmos que a vida tem apenas o plano da ação e que o fabrico de técnicos é a principal missão da escola, a educação apouca-se para ficar apenas o ensino prático» (Coimbra, 2004m:395).

Ora, o núcleo coordenador e substante da educação é a teoria com a qual a prática mantém relações íntimas e complexas, e tal é a sua importância que, em 1912, o filósofo a defendia como o núcleo mesmo da pessoa, que pela relação com a teoria é a pessoa criadora e livre (Coimbra, 2004m:395). Antecipava assim de anos a ideia de que a pessoa é uma razão experimental, como viria a teorizar em 1923, em *A Razão Experimental* (Coimbra, 2009e), com uma racionalidade aberta aos múltiplos planos da experiência humana, da ciência à filosofia, da razão à emoção, pelo que uma pedagogia adequada urge que haja que seja sensível a esses planos, que são também os da existência.

No texto que considero (Coimbra 2004m:395-396), e onde vejo essa antecipação da razão experimental, a teoria não é só «a prática mediata no seu mais intenso grau coordenador», pelo qual “o homem possui a previsão e domínio material e espiritual”, mas é também “o núcleo do homem livre, ou pessoa, que na sociedade *coopera* com as outras pessoas, (...) moralmente e economicamente” (Coimbra, 2004m:395).

Afirmando-o, aparecia já com característico significado a ideia de que é o homem uma razão experimental, seja uma razão social estabelecendo o tecido de relações com outros, aí agindo com e reagindo às alteridades. O

mundo é obra sua. Como, pois, entender uma pedagogia vítima de um chão empirismo e de uma prática sem a orientação filosófica superior da teoria?

A racionalidade que está no fundamento da pedagogia criacionista é a da razão experimental, razão «dinâmica, criacionista, progressiva» (Coimbra, 2009e:281), para a qual a teoria e a prática não existem por oposição, mas em relação de complementaridade e para o dinamismo de uma razão de que são efetivas expressões. É, aliás, esta linha de uma complementaridade entre teoria e prática que adjudica ao filósofo a defesa de que não há oposição entre o juízo lógico e o juízo moral, ou entre ciência e consciência, pois que promanam da mesma fonte ôntica que é a pessoa.

O saber deve exercitar-se na união judicativa da racionalidade científica com a racionalidade moral, o que está inscrito na matriz e do que seja a razão experimental. Neste sentido, o criacionismo viu na educação a ação de educar para a pessoa, reivindicando ser a verdadeira educação aquela que se determina no sentido de *dar o homem a si mesmo* (Coimbra, 2004e:195), seja o de revelar o homem ao homem, pelo que é humanista a visão pedagógica de Leonardo.

O trânsito deste humanismo e da antropologia que lhe está na base culminam no texto de *O Problema da Educação Nacional*, de 1926, que o autor apresentou, a 26 de abril daquele ano, ao congresso do MED (Movimento da Esquerda Democrática), para cujas fileiras entrara em 1925. A compreensão deste livro vive substancialmente do percurso intelectual do filósofo até à obra *A Razão Experimental*, pelo que não é difícil nele descortinar a disposição geral do seu personalismo, que *O Criacionismo* definiu, e de uma pedagogia cuja filosofia a orienta para uma conceção integral do homem e do humano.

De toda a obra leonardina, é *O Problema da Educação Nacional* (Coimbra, 2010a) aquela onde mais detidamente se dedicou o filósofo à questão educativa e para onde refluí toda a reflexão que dispersou pelos textos entre 1907 e 1923 (Coimbra, 2004a-2004m; 2006a-2006b; 2007; 2009a-2009d).

A sua orientação para uma escola onde seja central a alegria de viver, uma escola que seja um hino à vida, nota-se imediatamente quando, operando no diagnóstico dos males do ensino liceal nacional (também do ensino primário), apontava serem os programas um “verdadeiro estupro intelectual” pela carga de conhecimentos e de horas de trabalho, saindo os estudantes da escola, “em regra, tristes, fatigados, sem a alegria de viver que é, no homem, a alegria de *compreender*, incapazes de reacções vitais, criadoras e entusiastas”. E lançava o pensador esta interrogação dramática: “Onde fica a saúde, a graça, a alegria, uma hora para a meditação, para a vida interior da imaginação, que é a base da invenção, ou da inteligência, clarificando e ordenando?” (Coimbra, 2010a:172).

Leonardo Coimbra não teria redigido aquela passagem se não houvesse escrito *O Criacionismo, A Alegria, a Dor e a Graça e A Razão Experimental*. Nada existe aí de contraditório com uma pedagogia que exalta os valores vitais do existir humano, que está atenta à relação poderosa das sensações com uma realidade de que elas fazem a experiência, que atende à imaginação criadora e a uma inteligência experimental, isto é, lógica e emotiva, a que Manuel Ferreira Patrício houve por bem chamar *razão poética* (Patrício, 1992:615-616; Pimentel, 2019:202-203) para atender à dupla face da razão experimental, racional e afetiva ou positiva e mística.

Há de ver-se naquela reivindicada alegria, naquela graça, que os estudantes devem viver, mas que não vivem na escola atual, a inspiração dos núcleos de realidade que compõem o ternário que titula o livro *A Alegria, a Dor e a Graça*, e que nesta obra influem no conceito de uma existência humana cuja vida mental, intelectual e espiritual evolui, desde a alegria original da infância à dor do conhecimento e desta à graça, que é uma nova posse da alegria, agora a letícia sábia do homem que conhece, que pensa, que se põe no seio das relações e valores universais, inteligência aberta à comunicação, à solidariedade e à fraternidade.

A atenção à imaginação mostra o quanto o pensamento leonardino sobre a educação está empenhado numa pedagogia que integre a atividade artística, aproximando-se aqui de Platão, que propunha «que às crianças sejam dadas as seduções das artes para que a sua alma se vá afeiçoando pelas ideias que elas representam» (Coimbra, 2006a:100).

Álvaro Ribeiro (1977-1980, I:84-85) reconheceu, a este propósito da arte, quanto tem de interesse pedagógico a reflexão de Leonardo sobre a formação estética das crianças. De facto, o Mestre português defende que «A primeira educação deve ser artística, e as próprias virtudes morais só podem ser dadas à criança pelas implícitas intimações de harmonia estética» (Coimbra, 2006a:101).

A visão superior de Leonardo sobre a educação, se se exprime no ensino pela arte, também se manifesta na integração harmónica das ciências do espírito com as ciências da natureza, que, aliás, com a filosofia, dariam a formação dos professores de diferentes níveis de ensino (Coimbra, 2010a:174-175).

A exigência da filosofia no ensino é também um dos aspetos que cumpre realçar, pois que ela é considerada capital no conjunto de processos de formação do aluno, já que a filosofia é o grau teórico mais alto do espírito, o órgão da liberdade (como a considera em *A Razão Experimental* [Coimbra, 2009e:19, 24-25, 28, 33 e 62]), e necessária ao desenvolvimento do espírito da cultura (Coimbra, 2010a:175).

Ao verificar a importância da filosofia para a educação de crianças e jovens, o pensador português intuiu-a como um elemento nuclear de desen-

volvimento de matérias curriculares e pedagógicas. Veja-se, por exemplo, o que se sublinhou já quanto às valências filosóficas da estética na aprendizagem, incluindo a dos valores morais. Não se trata de afirmar que Leonardo Coimbra antecipou de anos a experiência da filosofia com crianças e jovens, que se verificou a partir de Matthew Lipmann (1923-2010), já na segunda metade do século XX, mas de sublinhar uma intuição do filósofo português sobre o benefício da reflexão filosófica para o raciocínio, o espírito crítico e a autonomia da razão.

Tudo isso faz notar que a educação para Leonardo Coimbra tem uma finalidade última, que consiste em criar cultura. Criar cultura, como eu interpreto, é levar ao máximo as unificações de sentido de que a inteligência humana é capaz. A filosofia consiste no saber que eleva a cultura ao grau maior das suas possibilidades universais. É precisamente isso que se exprime na convicção de que o homem é uma liberdade criadora da cultura, pois que esta resulta da cooperação de todos os indivíduos sociais (Coimbra, 2010a:153), a que, portanto, assiste uma razão social, comunicativa e de convívio, que é a garantia mesma do universalismo das formas de cultura, aí incluindo a ciência e mais genericamente o conhecimento.

A filosofia, a par da ciência, da arte, da técnica, da religião, é uma forma de cultura (Coimbra, 2010a:152), mas só ela é que é capaz de levar as relações das outras à máxima universalidade, integrando-as no jogo de sentido que constitui a existência humana. Assim interpreto a afirmação de Leonardo de que a filosofia se mostra “necessária ao desenvolvimento do espírito cultural” (Coimbra, 2010a:175). É ainda isto que se pode extrair de *A Razão Experimental*, que no trabalho da filosofia observa a missão de levar as outras formas de cultura ao universalismo do conhecimento, humanizando os dados da ciência e a técnica, reagindo pela beleza e pelo sentimento religioso às formas verídicas da relação das existências humanas com o ser e, em última análise, com Deus (Coimbra, 2009e:35).

De tudo resulta que não estamos em face de simples pedagogia. Álvaro Ribeiro lembra-nos que a palavra *pedagogia* é limitada na sua aplicação e que “Falar de pedagogia em relação aos adolescentes, ou até aos adultos, é praticar um contrassenso linguístico, revelador da intenção criminosa de manter o homem em minoridade” (Ribeiro, 1977-1980, I:84). Nada mais acertado para o caso de Leonardo Coimbra, onde a pedagogia não se limita à criança e à infância, mas abrange as fases da existência do ser humano, do nascimento à senescência e morte.

A pedagogia leonardina ganha em ser vista como *paideia*, enquanto filosofia do homem integral, homem que, segundo um princípio iluminista que a influencia, quer levar das trevas da ignorância à luz, libertá-lo da minoridade. Assim, se pelo uso generalizado classificarmos a posição educativa de Leonardo de pe-

dagogia, há de observar-se que tal uso é limitado e redutor, e que lhe convém o sentido mais amplo, mais verdadeiro e menos equívoco de *paideia*, na aceção de que a Leonardo interessa menos o ensino da escola e do programa do que a fundamentação filosófica de todo o ensino (Marinho, 1976:100).

Neste mesmo sentir embarca Manuel Ferreira Patrício ao propor que a pedagogia leonardina é, em verdade, uma *antropogagia*, valendo este conceito “por uma conceção espiritualista integral do ser humano e da humanidade do homem”, que tem “o seu esteio numa ontologia que, sob o impulso da vida do espírito, é a única instância de saber capaz de satisfazer a visão do homem e da sua humanidade a partir do fundamento” (Pimentel, 2019:202).

O que é possível designar como a filosofia da educação criacionista é a visão que tem por centro uma ideia integral do ser humano, que é uma racionalidade simultaneamente lógica e afetiva, que vive em cooperação com outros, que exige do educador a responsabilidade ética de agir no sentido da sua perfeição como pessoa e cidadão. Compreende-se perfeitamente que os ideais educativos da *paideia* de Leonardo Coimbra rejeitassem a orientação da escola para uma formação educativa de cariz técnico e pragmático, defendendo, ao contrário, uma orientação fundada numa teoria dos fins da cultura, cuja matriz se inspira na formação integral do homem.

REFERÊNCIAS

CAEIRO, Francisco da Gama (1999) – Os Fundamentos da educação na filosofia de Leonardo Coimbra. In *Dispensos*. Org. Maria de Lourdes Sirgado Ganho. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 2, p. 65-75.

CALAFATE, Pedro (1994) – Filosofia da educação e reforma do ensino na obra de Leonardo Coimbra. In *Filosofia e Ciência na obra de Leonardo Coimbra*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, p. 39-46.

COIMBRA, Leonardo (2012) [1935] – A Rússia de hoje e o Homem de sempre. In *Obras completas: 1935*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 7, p. 21-388.

COIMBRA, Leonardo (2010a) [1926] – O Problema da Educação Nacional. In *Obras completas: 1924-1934*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 6, p.149-181.

COIMBRA, Leonardo (2010b) [1933] – O Problema do ensino secundário [Comentário. Porto. 1:2 (10-12-1933)]. In *Obras completas: 1924-1934*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 6, p. 383-388.

COIMBRA, Leonardo (2009a) [1922] – A Universidade Popular do Porto [A *Águia*. Porto. 3.^a série. 1:5 (nov. 1922)]. In *Obras completas: 1922-1923*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 5, t. 1, p. 158-163.

COIMBRA, Leonardo (2009b) [1923] – [Entrevista sobre a questão do ensino religioso. *O Primeiro de Janeiro*. Porto. 55:5 (6-1-1923)]. In *Obras completas: 1922-1923*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 5, t. 1, p. 216-224.

COIMBRA, Leonardo (2009c) [1923] – [Entrevista sobre os fundamentos da educação religiosa. *Diário de Notícias*. Lisboa. 60:20 (8-2-1923)]. In *Obras completas: 1922-1923*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 5, t. 1, p. 225-229.

COIMBRA, Leonardo (2009d) [1923] – [Entrevista sobre a questão do ensino religioso às crianças. *O Primeiro de Janeiro*. Porto. 55:8 (10-1-1923)]. In *Obras completas: 1922-1923*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 5, t. 1, p. 230-236.

COIMBRA, Leonardo (2009e) [1923] – A Razão experimental: lógica e metafísica. In *Obras Completas: 1922-1923*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 5, t. 2, p. 11-298.

COIMBRA, Leonardo (2007) [1921] – No Centro Republicano Democrático: uma brilhante conferência do Dr. Leonardo Coimbra. [*A Tribuna*. Porto. 1:288 (25-3-1921)]. In *Obras completas: 1919-1921*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 4, p. 482-484.

COIMBRA, Leonardo (2006a) [1916] – A Alegria, a Dor e a Graça. In *Obras Completas: 1916-1918*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 3, p. 41-201.

COIMBRA, Leonardo (2006b) [1917] – A Educação religiosa. [*A Águia*. Porto. 2.^a série. 11 (jan.- jun. 1917)]. In *Obras completas: 1916-1918*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 3, p. 207-211.

COIMBRA, Leonardo (2005) [1915] – O Pensamento Criacionista. In *Obras completas: 1913-1915*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 2, p. 177-295.

COIMBRA, Leonardo (2004a) [1907] – Professores. [*Nova Silva*. Porto. 1:5 (10-4-1907)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 104-105.

COIMBRA, Leonardo (2004b) [1907] – As Matrículas. [*Azorrague: semanário dos Estudantes Intransigentes*. Porto. 1 (5-6-1907)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 106-107.

COIMBRA, Leonardo (2004c) [1909] – O Padre liberal. [*A Vida*. Porto. Série 2, 5:3 (17-1-1909)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 125-126.

COIMBRA, Leonardo (2004d) [1909] – O Pensamento e a liberdade. [*A Vida*. Porto. Série 2, 5:4 (24-1-1909), 5:6 (7-2-1909), 5:9 (28-2-1909)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 127-134.

COIMBRA, Leonardo (2004e) [1910-1911] – Sobre educação. [*A Águia*. Porto. Série 1, 1:1 (1-12-1910), 1:5 (1-2.1911)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 192-199.

COIMBRA, Leonardo (2004f) [1910] – Estudantes e operários. [*A Alma*. Porto. 1:2 (5-12-1910)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 200-201.

COIMBRA, Leonardo (2004g) [1911] – A Reforma do ensino. [*A Montanha*. Porto. 1:14 (16-3-1911)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 231-232.

COIMBRA, Leonardo (2004h) [1911] – Uma Conferência de Leonardo Coimbra na festa do Sindicato dos Professores Primários. [*A Montanha*. Porto. 1:33 (7-4-1911)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 2, p.403-406.

COIMBRA, Leonardo (2004i) [1911] – O Padre e a educação. [*A Montanha*. Porto. 1:38 (14-4-1911)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 237-239.

COIMBRA, Leonardo (2004j) [1911] – A Reforma do ensino secundário. [*A Montanha*. Porto. 1:66 (17-5-1911)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 1, p. 242-244.

COIMBRA, Leonardo (2004l) [1912] – O Criacionismo: esboço de um sistema filosófico. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 2, p. 9-378.

COIMBRA, Leonardo (2004m) [1912] – O Problema educativo. [*A Vida Portuguesa*. Porto. 3 (30-11-1912)]. In *Obras completas: 1903-1912*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 1, t. 2, p. 394-396).

DOMINGUES, Joaquim (2003) – Coimbra, Leonardo José. In *Dicionário de Educadores Portugueses*. Dir. António Nóvoa. Porto: Edições Asa, p. 374-382.

MANSO, Artur (2013) – A Pedagogia de Leonardo Coimbra e seus discípulos. In Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, 12º, Braga, 2013 – *Atas*. Braga: Universidade do Minho, p. 2.130-2.148.

MANSO, Artur (2002) – Leonardo Coimbra e o Problema da Educação Nacional. *Teoremas de Filosofia*. Porto. 5 (Primavera 2002) 33-46.

MARINHO, José (1976) – *Verdade, condição e destino no pensamento português contemporâneo*, Porto: Lello & Irmão Editores.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1992) – *A Pedagogia de Leonardo Coimbra: teoria e prática*. Porto: Porto Editora.

PIMENTEL, Manuel Cândido (2019) – *Leonardo Coimbra: vida e filosofia*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

RIBEIRO, Álvaro (1977-1980) – *Memórias de um letrado*. Lisboa: Guimarães Editores. 3 vol.